

## 7. Conclusão

A crise de valores da arquitetura moderna foi vivida pela geração de Maio de 1968 de modo contundente. Nesse contexto de crise dos valores modernos, o Oriente parecia apontar caminhos alternativos para os arquitetos ocidentais. O movimento de vanguarda japonês Metabolista tem sido recentemente recuperado pela historiografia da arquitetura, sobretudo, a partir das iniciativas de Rem Koolhaas, que vislumbrou a originalidade e a atualidade tanto das teorias metabolistas megaestruturais quanto das teorias urbanas makianas pós-CIAM. Tais teorias envolvem um tipo de concepção espacial diferenciada, que procurei relacionar e analisar neste trabalho, seja buscando suas origens na história da arquitetura japonesa, conforme desenvolvida por Mitsuo Inoue, como também no contexto das reinterpretações feitas pelos metabolistas a partir da orientação vitalista de Kenzo Tange.

O vitalismo de Tange dava prosseguimento a uma prática já desenvolvida em outros momentos da história da arquitetura japonesa. Partindo de princípios retirados da tradição e das necessidades que se colocavam no presente, os arquitetos japoneses reinterpretaram em diferentes momentos as diversas ondas de influência das arquiteturas chinesa e ocidental moderna. A arquitetura ocidental que lá chegava era entendida como um sinal de progresso ao qual eles procuraram se integrar, mas não de modo passivo. A riqueza do arsenal arquitetônico, criado pelos arquitetos japoneses, confirma essa capacidade de apropriação de culturas estrangeiras, que termina por caracterizar a sua própria. Essa cultura pode ser descrita tanto como Formalista quanto Informalista, tanto como Abstracionista quanto Concretista. A característica de disporem do instrumental arquitetônico esvaziado dos significados culturais originais possibilitaria sua reinterpretação no presente.

A arquitetura japonesa reabilitou princípios, como o conceito de espaço que havia sido condenado pelos arquitetos pós-modernos, por seu teor abstrato e elitista. A reinterpretação do conceito de espaço moderno possibilitou a continuidade da pesquisa urbana, reavaliando seus paradigmas e inovando seu arsenal. A concepção tradicional de espaço japonês, Espaço-movimento, que é

essencialmente desenvolvida a partir da apreensão topológica, já havia despertado o interesse dos primeiros arquitetos modernos, como, por exemplo, Frank Lloyd Wright. No entanto, o descrédito da ideia purista de espaço no debate arquitetônico nos anos 1960 no Ocidente interrompeu possíveis desenvolvimentos de novas formas de imaginação e ação para a condição metropolitana contemporânea. Essa situação somente será revertida pelo movimento contemporâneo de arquitetos, como Koolhaas, que recolocam em pauta as questões das grandes quantidades, que embasavam o urbanismo moderno, e que estão implicadas no desenvolvimento inevitável das atuais metrópoles globalizadas. Esse processo de metropolização também muda o foco do estudo urbano para o Oriente, de onde emanam as grandes inovações urbanas contemporâneas. É nesse contexto da globalização, que a redescoberta dos arquitetos metabolistas se explicita e se revela no livro *Project Japan*. Dentre esses arquitetos metabolistas, esta dissertação se deteve em particular no trabalho do arquiteto Fumihiko Maki, que consegue reintroduzir no urbanismo, através da utilização do conceito de Forma em Grupo, a questão do Todo sem recair num tratamento homogeneizante ou totalizante do espaço. O Todo, que configura a Forma da Cidade a partir da Forma em Grupo, é considerado como uma Forma Aberta, cujo equilíbrio é dinâmico e influenciado pelo comportamento das pessoas, pela ação do tempo. Esse tipo de estratégia que parte da intervenção pontual é mais propícia a considerar os aspectos topológicos da espacialidade, assim como o desenvolvimento orgânico e espontâneo almejado pelos arquitetos críticos do urbanismo baseado na Carta de Atenas. Esse urbanismo, conforme desenvolvido por Maki, seria um exemplo da revisão pós-CIAM do conceito Espaço de Abstrato e infinito, feita a partir do conceito de Espaço Movimento. A valorização das Linkagens, dos espaços intermediários, dos percursos, das circulações, dos “nós-górgios” conforme retomado no projeto do OMA em Lille, e não a valorização dos espaços cívicos, representativos e sua centralidade hierárquica nos mostram a importância da influência makiana para os arquitetos contemporâneos.

Também na obra de Koolhaas para o Edifício do Congrexpo, pudemos verificar o tratamento espacial que visa escapar da homogeneização da concepção de Espaço-geométrico. Ainda que o edifício assuma a escala gigantesca

metropolitana, no seu tratamento interior podemos verificar sua estratégia para escapar da onipotência da monumentalidade arquitetônica que ele mesmo coloca. São os variados percursos que atravessam o edifício que determinam sua configuração, sendo a fachada apenas um elemento secundário em relação aos volumes dos espaços interiores, cuja forma é unificada através do telhado que os cobre como um todo. Também sua ocupação pode desenvolver-se de forma autônoma e independente da aparente estabilidade da forma externa. Essa indeterminação programática no interior visaria alavancar seu potencial urbano, que para Koolhaas se desenvolve quando há congestão, quando inúmeras atividades e pessoas se cruzam, se justapõem, se acumulam. Nesse sentido podemos constatar que tal como na arquitetura japonesa, os fluxos de movimento interno são mais determinantes da arquitetura que sua fachada externa, cuja forma estável neste caso não reflete a complexidade interior.

O Congrexpo dá sequência ao entendimento de que nos edifícios contemporâneos a urbanidade a ser tratada pelos arquitetos estaria concentrada no interior, conforme constatado nos arranha-céus de Nova Iorque estudados por Koolhaas. Para Maki e Koolhaas, a evolução da economia capitalista nos centros urbanos teria gerado um edifício moderno híbrido, marcado pelo caráter interiorizado de seu espaço. Em contraposição à interiorização da arquitetura, o ambiente da cidade contemporânea poderia ser descrito como uma Floresta, uma estrutura sem uma forma clara, cujo aspecto fragmentado não poderia ser representado através das coordenadas hierarquizadas que configuram o Espaço Geométrico, homogêneo. Os edifícios contemporâneos seriam marcados pela ambivalência espacial e pela dissociação da congruência entre forma e função, ou forma e conteúdo nos edifícios. Cada vez mais os edifícios contemporâneos (cobertos) passariam a acomodar atividades que eram desenvolvidas na rua (descoberta, ao ar-livre). Tal acúmulo de funções no interior do edifício transformaria seu espaço interno num espaço urbano, “uma cidade dentro da cidade”. As distinções entre espaço interno e espaço externo, público e privado se tornariam dúbias, modificando o tipo de relações que poderíamos estabelecer com o lugar.

Apesar de partirem de estratégias aparentemente antagônicas, Koolhaas da megaestrutura, e Maki, da microescala para o desenvolvimento da Forma em Grupo, ambos pretendem um pensamento do Todo, que alcance a escala do urbanismo. E mais, este trabalho mostra que, essa perspectiva urbana se define para os dois arquitetos através do princípio de interioridade da arquitetura, seja através do fenômeno Bigness, ou através dos percursos e camadas do espaço-movimento, como descritas por Fumihiko Maki. Ou seja, o espaço urbano é pensado menos pela perspectiva exterior dos edifícios que pela complexidade de seus interiores.

Essa mudança de perspectiva urbana adotada por Maki e Koolhaas se deve à compreensão que têm eles da realidade da metrópole contemporânea. Esse trabalho verificou como as estratégias desses arquitetos estão inseridas nessa nova realidade, cuja arquitetura deve ser pensada face à impossibilidade de articulação hierárquica no espaço, tal como era feita até o período Barroco no Ocidente. A crise do urbanismo no Ocidente se deve, em parte, à insistência em utilizar um instrumental tornado obsoleto após o advento da Revolução Industrial, conforme a crítica de Manfredo Tafuri, que demonstra como a cidade, então, já começava a apresentar sinais de fragmentação levando até o colapso de sua estrutura orgânica.

Por fim, a cidade contemporânea não poderia mais ser descrita exclusivamente a partir de sua forma física. Sua condição é a de um híbrido instável. A operatividade arquitetônica na metrópole, segundo Koolhaas, só poderia ser recuperada perante o entendimento de que a arquitetura não seria feita apenas de arquitetura. A ambiguidade da arquitetura, “simultaneamente onipotente e impotente”, advém do fato de que ela é sempre impura, na medida em que é habitada. Ela não seria responsável por tudo que acontece de positivo e nem por tudo que acontece de negativo, pois o arquiteto não tem todo o controle sobre o que acontece com ela, o que não o impediria de pensar o todo urbano, ainda que suas soluções devam ser pensadas como provisórias, segundo um “equilíbrio dinâmico”, que determina sua Forma aberta, sobre a qual o arquiteto ainda poderia agir pontualmente, determinando seu Programa Diretor.



Figura 55: *Spiral Building* em Tóquio, 1985.

Fumihiko Maki. Centro Cultural Wacoal. O percurso é mais definidor da obra que a visualização do objeto arquitetônico, cuja fachada remete à ideia de *assemblage*. Os elementos rotatórios que compõem a fachada correspondem as sequencias espaciais do trajeto no interior que vai do solo ao terraço de cobertura. Cada andar é tratado de modo variado, ainda que o edifício se mantenha limitado ao volume cúbico, parecendo uma colagem. A ambiguidade da forma cúbica e, ao mesmo tempo, fragmentária de sua fachada são o resultado de um processo de pensamento do espaço arquitetônico, baseado na ação, no movimento, no gesto, cujos significados são revelados na vivência da obra, que se revela como acontecimento e não na forma aparente.

**Fonte:** FRAMPTON, Kenneth, MAKI, Fumihiko, MULLIGAN, Mark, STEWART, David. B., *Fumihiko Maki*, London: Phaidon Press Limited, 2009.



Figura 56: *Embaixada dos Países Baixos em Berlim*, 2003.

O bloco isolado está apoiado sobre um pódio, confrontando as antigas diretrizes urbanas da parte Ocidental. Tal como o edifício de Maki, Koolhaas internaliza a *promenade* contínua e irregular que alcança os 8 andares do edifício, escavando o volume regular do edifício até a fachada. Os espaços que restantes são áreas de trabalho. Este volume é ligado a um bloco laminar “cego” residencial, que contrasta com o entorno em lembra a proposta de 1980 para a IBA.

**Fonte:** KOOLHAAS, Rem. Office for Metropolitan Architecture. *AMOMA/Rem Koolhaas: 1996-2006*. Madrid: El Croquis, 2006.

A influência makiana: a *promenade* que atravessa o edifício desdobrada, sinuosa como um passeio num jardim japonês.

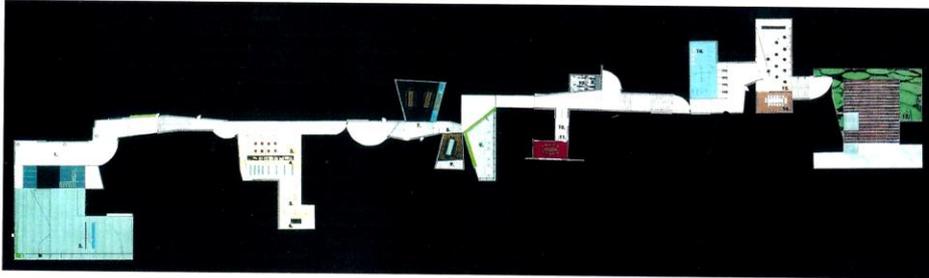
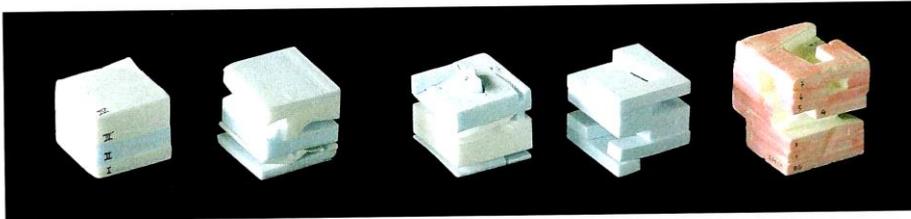


Figura 57: Embaixada dos Países Baixos em Berlim, OMA, 2003.

Imagens que representam o Espaços Movimento e *Interioridade* através da *promenade* irregular que atravessa o edifício de Koolhaas.



Los muros interiores situados junto al recorrido son vigas portantes que se cruzan unas sobre otras lo suficiente como para transmitir las cargas. Con ello se crean grandes espacios abiertos en las plantas inferiores del edificio. Unos montantes estructurales de vidrio —que pueden caerse en caso de incendio dejando la estructura superior intacta— sostienen los forjados allí donde el recorrido se encuentra con la fachada. the floor slabs where the trajectory meets the facade.

Maquetas conceptuales y maquetas seccionadas / Concept models and sectioned models



El camino de acceso entre el "cubo" y el "muro residencial" funciona como patio abierto en uno de sus lados para ofrecer vistas panorámicas del Spree y el parque. Para acentuar la diferencia con los edificios de piedra de los alrededores, el podio y el "muro residencial" se revisten de aluminio.

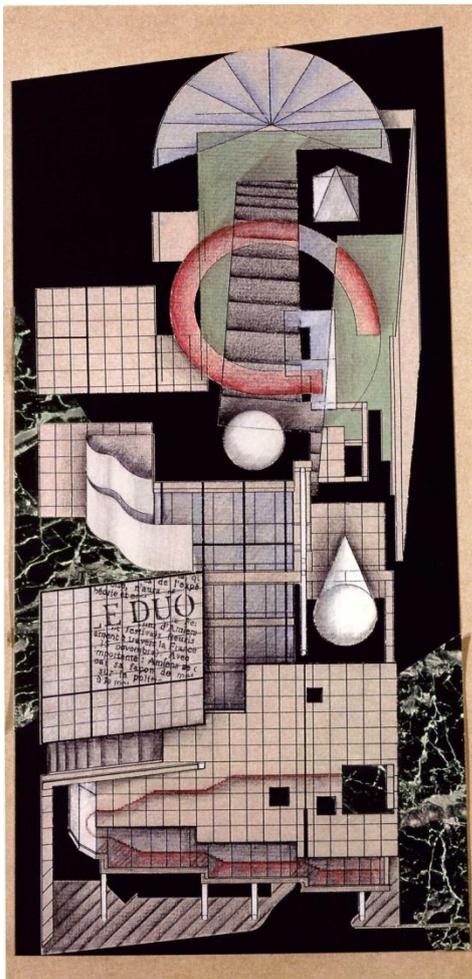
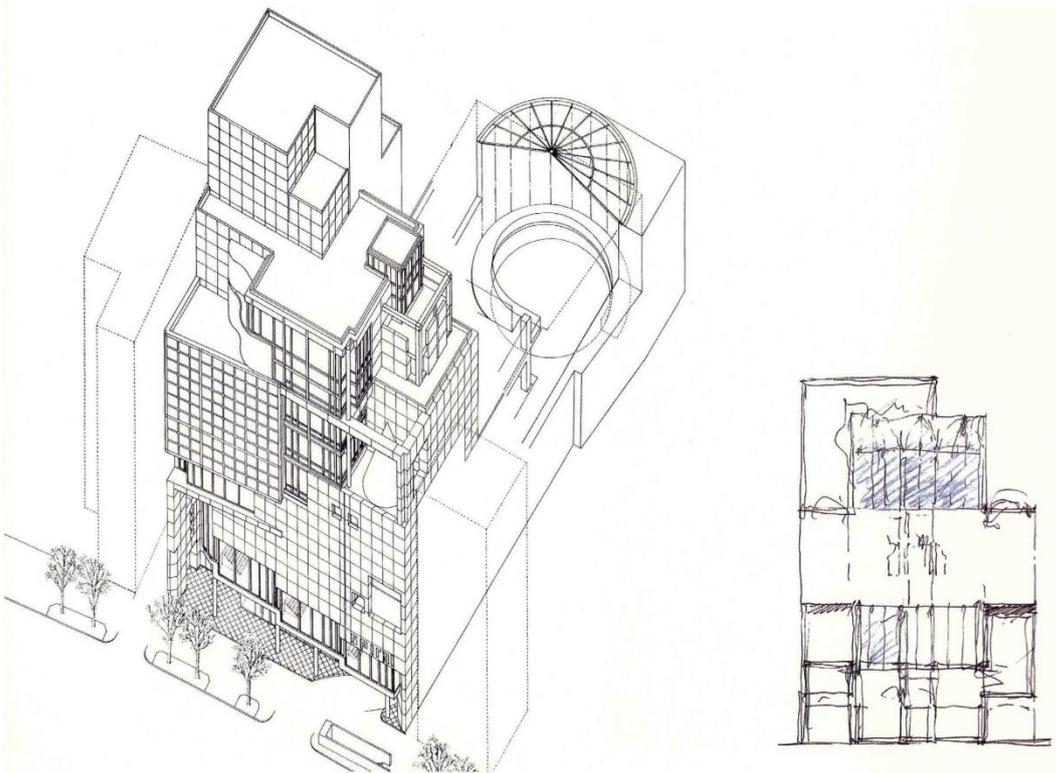


Figura 58: *Spiral Building* em Tóquio, 1985.

Centro Cultural Wacoal. O percurso é mais definidor da obra que a visualização do objeto arquitetônico, cuja fachada remete à ideia de *assemblage*.

**Fonte:** FRAMPTON, Kenneth, MAKI, Fumihiko, MULLIGAN, Mark, STEWART, David. B., *Fumihiko Maki*, London: Phaidon Press Limited, 2009.